

## PE-099 - VIOLÊNCIA SEXUAL EM MENORES DE 10 ANOS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DE DADOS

Mariana Risson<sup>1</sup>, Eduarda Dagios Imhoff<sup>1</sup>

1 - Universidade de Passo Fundo (UPF).

**Introdução:** A violência sexual - definida como qualquer ação na qual uma pessoa obriga outro indivíduo a ter, presenciar ou participar de alguma maneira de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade - é extremamente frequente no Brasil, embora subnotificada, e traz inúmeros prejuízos para suas vítimas, com destaque para crianças. **Objetivo:** Analisar os casos notificados de violência sexual em menores de 10 anos no Rio Grande do Sul (RS) no período de 2015-2021. **Métodos:** Estudo descritivo, transversal, que utilizou como fonte de dados o DATASUS. Os dados foram coletados para crianças menores de 10 anos de ambos os sexos. As variáveis do estudo são: faixa etária (< 1 ano, 1-4 anos e 5-9 anos), sexo (feminino ou masculino), tipo de violência (assédio sexual, estupro, pornografia infantil, exploração sexual e/ou outros) e agressor (pai, mãe, padrasto, madrasta, irmão[a], amigos/conhecidos, cuidadores, desconhecidos ou outros). Foi dispensada a apreciação do comitê de ética por tratar-se de consulta de dados secundários em sistema de acesso público. **Resultados:** No período analisado, foram notificados 5.721 casos de violência sexual em < 10 anos, sendo 141 em < 1 ano, 2.047 em crianças entre 1-4 anos e 3.533 em crianças de 5-9 anos, o ano com maior número de notificações foi 2019, totalizando 1.092 casos. Com relação ao sexo, 74,57% das vítimas foram meninas (4.266 casos) e 25,43% meninos (1.455 casos). Em todos os anos, houve maior número de ocorrências em meninas de 5-9 anos. Com relação ao tipo de violência sexual, foram notificados 1.550 casos de assédio sexual, 4.062 casos de estupro, 140 casos de pornografia infantil, 110 casos de exploração sexual e 558 classificados como "outros", sendo que mais de um tipo poderia estar presente concomitantemente na notificação. Sobre o agressor, em 1.251 casos foi um amigo/conhecido, em 1.180 o pai, em 802 o padrasto, em 305 o(a) irmão(a), em 245 desconhecidos, em 184 a mãe, em 123 cuidadores e em 39 a madrasta, no restante dos casos, o agressor foi outra pessoa que não as anteriormente citadas. **Conclusão:** A violência sexual é crime, mesmo se exercida por um familiar, e, tendo em vista o elevado número de crianças vitimizadas, os profissionais da saúde devem estar atentos aos possíveis sinais de sua ocorrência, especialmente os que trabalham diretamente com esta faixa etária.

## PE-100 - POLIPOSE ADENOMATOSA FAMILIAR, NA INFÂNCIA, DO DIAGNÓSTICO AO TRATAMENTO, UM RELATO DE CASO

Candice Detoni Gazzoni<sup>1</sup>, Marília Dornelles Bastos<sup>1</sup>, Isaque Schuster Ensslin<sup>1</sup>, Luciane Mattos<sup>1</sup>

1 - APESC- Hospital Santa Cruz do Sul

**Introdução:** A polipose adenomatosa familiar é uma síndrome hereditária, cuja traço autossômico dominante é provocado por mutações, no gene APC, caracterizada por adenomas colorretais. A incidência é de 1 a 3: 10.000 nascimentos e cada filho de indivíduo afetado tem 50% de herdar o gene. Dentre os sintomas mais prevalentes estão respectivamente em ordem: sangramento intestinal, alteração de hábito intestinal e dor abdominal. **Relato de caso:** J.G.M.R., 9 anos. histórico familiar de polipose adenomatosa familiar com início dos sintomas (alteração do hábito intestinal e hematoquezia) aos 7 anos de idade. Pai com ileostomia e tio falecido aos 29 anos. Aos 9 anos realiza colonoscopia compatível com incontáveis pólipos desde o reto distal até ceco. **Discussão:** Aconselha-se a triagem a partir dos 10 a 12 anos e testes genéticos preditivos a partir dos 12 a 14 anos de idade, naqueles com histórico da síndrome em parentes de primeiro grau, com intuito da vigilância sobre os membros da família. Após identificação do adenomas, dependendo do fenótipo a colonoscopia deve ser refeita a cada 1 a 3 anos. Chama atenção que neste caso, o paciente apresenta sintomas ainda na infância e a família nunca foi submetida a teste genético preditivo. A probabilidade dos pólipos aos 10 anos de idade é de cerca de 15%, com aumento progressivo, chegando até 98% aos 30 anos de idade. Sem a intervenção cirúrgica, há grandes chances de desenvolvimento de câncer colorretal mais tarde. O câncer colorretal retal invasivo é raro antes dos 20 anos, tendo o registro de apenas um paciente com 9 anos de idade. Portanto, a cirurgia profilática é a melhor maneira de evitar tal evolução, mas na literatura não existe consenso da melhor idade para realizá-la sendo sintomas associados, características histológicas e retardo do crescimento parâmetros para realização, bem como o fenótipo familiar, mais de 1000 pólipos colônicos e/ou 20 ou mais retais indicativos de realização o mais breve possível. O paciente em si, enquadrava-se neste critério, é após cerca de 4 meses do diagnóstico foi encaminhado para centro de referência e realizou colectomia total com anastomose ileo anal. **Conclusão:** É imperativo a investigação genética e o seguimento de todos os familiares de primeiro grau. Chama atenção, dos sintomas precoces na criança, díspares da literatura e de uma necessidade de intervenção cirúrgica com menos de 1 ano do diagnóstico.